

OCUPAR PARA EDUCAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PREPARA NEM UERJ 2023

Bruno Nascimento de Souza¹
Angie de Lima Santos Barbosa²
Mariana Coêlho dos Santos³
Nilton Abranches Junior⁴

INTRODUÇÃO

A década de 1980 se constitui como a década da redemocratização no Brasil, terminava um longo período de ditadura militar. Neste mesmo período começam a se estruturar no país cursos preparatórios populares voltados para grupos historicamente excluídos. Tal movimento tem sua base nos movimentos sociais, sobretudo na atuação do Movimento Negro, onde citamos o papel protagonista do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), em São João de Meriti, Rio de Janeiro, sob liderança de Frei Davi. Há ainda uma forte atuação de comunidades religiosas, sobretudo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da Igreja Católica (VASCONCELOS, 2020, p.103). Outros cursos populares vão surgindo pelo país ao longo da história, todos constituídos com a finalidade de ensinar conteúdos que possibilitassem o acesso às universidades. Todavia, estes não se limitavam a isto, por meio de debates e atuação militante e política, estes se pretendiam como agentes críticos, emancipadores e formadores de consciência social. Se por um lado estes preparatórios, ao longo de mais de trinta anos mudaram a cara da universidade, permitindo o acesso de pessoas então marginalizadas, ainda havia uma lacuna, ou seja, um determinado grupo ainda não se via

1 Graduado do Curso de Teologia do Centro Universitário Metodista Bennett - RJ e Graduando pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, brunoiasdig@yahoo.com.br;

2 Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, angie.bibliotrava@gmail.com

3 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, mariana19tst@gmail.com

4 Professor/e orientador: Doutor, Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, niltonabranches07@yahoo.com.br.

contemplado, as pessoas trans e travestis. Historicamente expulsas de suas casas, da escola e empurradas ao subemprego ou a prostituição, muitas destas pessoas, se quer haviam terminado o ensino básico. A universidade para grande maioria era algo inalcançável. E é a partir desta lacuna que desponta em 2015 o Prepara Nem, um pré-vestibular popular que tem seu olhar voltado para as pessoas transexuais e travestis. Era o início da construção de um espaço seguro, acolhedor e reparador que tinha como protagonista este público, que a partir de então poderia disputar o espaço das universidades e de onde mais quisessem. Este trabalho, portanto, tem como objetivo descrever a inserção deste pré-vestibular popular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a partir da relação desses corpos em dissidência de gênero com o espaço universitário. Optamos pelo relato de experiência da prática pedagógica em Sociologia. Organizamos o trabalho em três partes. A primeira onde fazemos o resgate da memória do Prepara Nem, a segunda onde focamos especificamente nas relações de aprendizagem nas aulas de Sociologia, e a terceira baseada nos tensionamentos provocados pelas trajetórias feitas, no espaço cisheteronormatizado da UERJ, por esses corpos em dissidência de gênero.

PREPARA NEM: DA ABI (2015) À UERJ (2023)

Em 2015 o sonho do Prepara Nem começa a se constituir. A partir de uma chamada por meio de uma rede social, pessoas voluntárias dispostas a conhecer e compor o corpo do projeto se encontram na Associação Brasileira de Imprensa para uma primeira reunião com sua idealizadora, Indianara Siqueira, e outros parceiros. Desde seu início o curso se projetou como um espaço de participação coletiva, de auto-organização e autonomia. Nunca foi formalizado um documento orientador de princípios ou regras. Todavia, alguns axiomas se constituíam, e ainda se constituem, balizadores das ações e organização do projeto: o protagonismo das pessoas trans e travestis em todas as decisões do curso, uma epistemologia transfeminista, o voluntariado, o combate ao racismo e a toda forma de preconceito, a construção coletiva de todo o processo e a posição anticapitalista. Entendemos, assim que a saída não está pelo “centro”, ou nas práticas capitalistas e neoliberais, mas, nas margens, numa construção social de uma outra lógica, ou melhor, na retomada de práticas coletivas, pelas brechas do “CIStema”.

Com o transcorrer dos dias ficava evidente que a dinâmica que sustentaria o Prepara Nem devia estar para além de uma mera exposição de conteúdos com a finalidade de se fazer uma prova. As práticas pedagógicas de professoras e professores eram constantemente postas à prova quando discussões de diferentes temas se sobrepunham às aulas previamente elaboradas. Tínhamos, portanto,

um espaço acolhedor, de escuta e seguro para todos aqueles corpos divergentes. Importante dizer que, o Prepara Nem, naquele momento, não tinha como objetivo apenas o acesso à universidade, mas, pretendia também garantir a conclusão do ensino básico para aquelas pessoas que por motivos diversos não o puderam fazer. O ENEM naquele permitia a conclusão e certificação do ensino básico, motivo pelo qual muitas pessoas procuraram o Prepara Nem. Ainda podemos afirmar uma outra característica importante do Prepara, a ocupação de diferentes espaços pela cidade, espaços estes muitas vezes apresentados como não acessíveis àqueles corpos. Dizemos, portanto, desde as aulas que aconteciam em diferentes espaços, como Sindicato dos Jornalistas, Sindicatos dos Petroleiros, Sindicato da Justiça Federal, Faculdade de Direito da UFRJ, até a visitação de equipamentos culturais, como o Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural da Caixa, Casa França-Brasil ou Planetário da Gávea. Esta era, e ainda é, uma estratégia importante de ocupação e pertencimento.

Em 2023 o Prepara Nem completou oito anos de atividades ininterruptas. Porém, um fato importante é que cada ano que se seguiu apresentou características distintas. Não havia, portanto, a obrigatoriedade para que este seguisse uma sequência ou uma dinâmica previamente estabelecida. Como já foi dito, o curso era auto organizacional, o que lhe conferia a possibilidade de ajustes constantes. Deste modo, cada ano representou um desafio, uma lógica diferente. Eram novas pessoas, com novas expectativas, com novos interesses, o que exigia novas dinâmicas. Fato este que para muitas pessoas pode parecer que não houve “sucesso” nos anos posteriores, sobretudo entre os anos de 2016 e 2022. Porém, o Prepara Nem não obedece a uma lógica mercadológica ou de “sucesso” baseado em aprovações, pois como já foi dito, este se configura como um espaço que está para além do ENEM ou de qualquer outra prova, é lugar de acolhimento. Neste processo foram diferentes trajetórias tomadas por todas, todes e todos que passaram pelo Prepara. Algumas pessoas seguiram pela academia, enquanto outras buscaram outras formas de inserção, seja na política ou em outras áreas profissionais. Isso mostra como a dinâmica adotada é maleável, não engessada. De acordo com Souza (2019):

O Prepara NEM perturba a lógica educacional pois, desnuda as relações de poder do processo ensino-aprendizagem. A provocação constante dos estudantes sobre a ausência de corpos travestis e transexuais nas disciplinas, obriga os professores a saírem de sua zona de conforto e procurar sentidos e significados diferentes para o que está sendo ensinado. (SOUZA, 2019, p. 72)

Sendo assim, em 2023 o Prepara Nem toma um novo rumo, sem perder as características que balizaram sua construção e caminhada. A partir de um diálogo entre o Prof. Dr. Nilton Abranches, líder do grupo de Pesquisa e Extensão Geo-Corpo, do Instituto de Geografia da UERJ e o professor do Prepara Nem, Bruno Nascimento de Souza, também membro do grupo de pesquisa, surge o convite para tornar o Prepara Nem um Projeto de Extensão. A proposta é levada ao grupo do Prepara que concorda com a possibilidade e vê na proposta uma ótima oportunidade. Junta-se aos professores Nilton e Bruno, o professor Fernando, também professor no Prepara. Os três escrevem, então, o projeto que será submetido e aceito. A partir da aprovação do Projeto inicia-se o trabalho de seleção de professores e a chamada de alunes. Uma sala de aula específica para o Prepara foi solicitada e negociada junto ao Instituto de Geografia, que prontamente atendeu à solicitação. Além disso, em negociação junto à Pró-reitora foi franqueado o acesso ao bandeirão da UERJ, de forma gratuita. Foram vinte e um inscritos, mas devido ao horário de funcionamento, o período da noite, as aulas se iniciam com quatorze alunes.

Considerando o diminuto espaço, e em se tratando este de um relato de experiência, entendemos significativo trazer um exemplo da vivência em sala de aula a partir de atividades desenvolvidas na disciplina de Sociologia, pela professora Angie, que de algum modo materializa tudo aquilo até aqui descrito.

O CURRÍCULO DE SOCIOLOGIA DO PREPARANEM: A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO SITUADO

Destacamos a narrativa da construção pedagógica da disciplina de sociologia do Prepara Nem UERJ 2023 pois sua elaboração foi feita do zero e direcionada, desde o início, para uma turma de maioria travesti-trans e negra. Seguindo a proposta ético-política do Prepara, tratava-se de produzir uma formação que rejeita a demanda capitalística de assimilação à dinâmica conteudista dos vestibulares, priorizando a dimensão “terapêutica y bélica do saber prete e trans” como descrita por Abigail Campos Leal (2020). Embora a disciplina tivesse dialogado com a sociologia clássica e seus conceitos, estes não foram tomados como centrais para os encontros, algo que também encontrou respaldo nos atravessamentos políticos, epistêmicos e afetivos da turma frente às questões apresentadas. Desse modo, conceitos como “Ideologia”, “Instituições sociais”, “Socialização”, “Trabalho e divisão do trabalho”, “Modos de produção” etc; presentes no vocabulário da “sociologia de vestibular”, ganharam seu sentido na reflexão sobre as experiências travestis-trans, LGBT+ e negras, intensamente vividas no percurso. A elaboração

do currículo e execução das atividades também foram orientadas pelas articulações do currículo queer de Guacira Lopes Louro (2004) e da pedagogia engajada de bell hooks (2013).

No currículo queer de Louro, encontramos a potência de desafios como a superação dos limites convencionais atrelados à inteligibilidade cultural de experiências dissidentes sexuais e de gênero; a busca pelo aprendizado justamente nos pontos de ruptura, recusa e ignorância em relação a possibilidades de reconhecimento da multiplicidade; a “erotização” (tomada de modo abrangente) do processo ensino-aprendizagem desde a intensificação da curiosidade e da diferença. E na pedagogia engajada de hooks encontramos uma proposta “mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional” já que “Ao contrário dessas duas, ela dá ênfase ao bem-estar” (hooks, 2013, p. 28). Desse modo, a criação de um espaço de acolhimento, comprometimento político e de cuidado e de momentos de reflexão e tomada de consciência compartilhados e prazerosos foi uma prioridade.

A maior parte do currículo utilizado na disciplina partiu das perspectivas de feministas negras; tendo como os nomes mais discutidos em sala de aula bell hooks, Patricia Hill Collins e Lélia González. A dinâmica das aulas partiu, principalmente, de debates temáticos em torno de um conjunto de temas de referência, em diálogo, também, com a disciplina de geografia que acontecia no mesmo dia. Entre os debates realizados, destacamos alguns temas como “A teoria como prática libertadora”, “A importância do pensamento e da teoria crítica”, “Ideologia e imagens de controle sobre grupos marginalizados”, “Socialização de gênero e identidade”, “Capitalismo e divisão racial do trabalho”, “Trabalho, gênero e população LGBT+”, entre outros. As atividades realizadas envolveram aulas expositivas, debates de trechos selecionados de textos, e cine-debates com a exibição de documentários. Foram exibidos, ao longo do percurso, três documentários, sendo estes *Paris is Burning* (1991) de Jennie Livingston, *Terra Sem Pecado* (2019) de Marcelo Costa e *Bicha Preta* (2017), de Thiago Rocha, para a realização de cine-debates temáticos. Todos os cine-debates foram realizados em conjunto com a disciplina de geografia.

Situando e localizando a produção desses encontros e dos saberes possibilitados por eles, anotamos que a disciplina de sociologia foi mediada nesse percurso por/com uma estudante travesti, jovem, graduanda de Psicologia na UERJ, e integrante do movimento trans e travesti universitário na mesma instituição. Que se tratasse de uma graduanda em um curso diferente de Ciências Sociais é relevante pois traz à cena a horizontalidade e trans/disciplinaridade proposta pelo Prepara Nem em sua construção pedagógica, lançando mão de diferentes saberes

centrados na produção de ferramentas para experiências travestis-trans que poderiam desdobrar-se futuramente como universitárias ou não. Para comentar os atravessamentos produzidos em sala de aula, trazemos um trecho do diário de campo da “profa” e uma das autoras deste trabalho:

Com minha turma do Prepara Nem, lendo um trecho do texto “As mulheres negras espectadoras” da bell hooks para a aula de sociologia, falávamos do poder contestador dos olhares e do modo como olhar para o mundo e para os outros era uma forma de produzir consciência. De repente, me vi compartilhando com aquela roda de estudantes sobre nossas experiências de sermos olhados com afetos de ódio e nojo na rua, e refletindo coletivamente sobre o papel do olhar em nossa sujeição. Nesse momento de discussão da experiência de olharmos e sermos olhados pelo mundo cisheterossexual *e/ou/também* branco, entendi um pouco mais da “inteligência ontológica”, descrita por Abigail Campos Leal, que vem da dimensão terapêutica e bélica dos saberes pretos e trans. Ao longo das aulas, conforme incentivava os estudantes a intervirem e contestarem o espaço da aula com suas próprias experiências pessoais, fui me percebendo também participante e afetada pelos processos de tomada de consciência que têm lugar nessa prática de educação libertária. (Angie de Lima Santos Barbosa)

UMA PRESENÇA QUE INCOMODA

A presença do Prepara Nem no espaço institucional da UERJ faz frente e incomoda todo um argumento construído de uma universidade preocupada com a diversidade, considerando desde a estrutura física, as políticas de permanência, a segurança e o modo como os currículos são construídos. A experiência anterior, embora diga de uma disciplina, a Sociologia, e diga dos atravessamentos experimentados por uma “profa”, representa, de alguma forma a vivência de boa parte dos professores e professoras. E é a partir desta e de outras narrativas que somos levados a pensar o modo como temos construído o campo da educação, sua práxis, trazendo questões centrais como a formação de professores e outros profissionais de outras áreas, como a área da saúde, já que alunes e profes são atravessados por muitas camadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, podemos concluir, se é que podemos falar de fato em conclusões, que o Prepara Nem ao longo de sua história, se tornou um poderoso

instrumental de TRANSformação educacional e social. Por isso tantas vezes os apagamentos e as tentativas de aniquilamento do conhecimento produzido a partir deste. O que se tem pretendido é a busca por outras narrativas, outras epistemologias que sejam capazes de dar conta da desnaturalização das estruturas hegemônicas. Uma epistemologia ou uma Pedagogia trans que permita uma emancipação individual e coletiva. Se para determinados corpos a única opção possível dentro do CISTema são as bordas, então é a partir das bordas que construiremos novas possibilidades a fim de chegarmos ao centro, não para reproduzir e/ou manter o que está posto, mas para solapar este modelo e criarmos uma sociedade que contemple a todas, todes e todos. Por isso insistimos em não falar em conclusão, afinal esta só será possível por meio de um outro modelo de sociedade, onde todes os corpes estejam realmente contemplados.

Palavras-chave: Preparatório Popular; Prepara Nem; UERJ; Trans; Travestis.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEAL, Abigail Campos. me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans. Caderno do fim do mundo, v.1 n. 21, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Laila Queiroz de. Pré-vestibular Prepara Nem: A construção de uma história voltada para o acesso das pessoas travestis e transexuais à Universidade. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 103, 2019.

VASCONCELOS, André Tinoco. Pré-vestibulares: desafios políticos ao currículo e ensino de Geografia. In. SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; FILHO Manuel Martins de Santana (org). Ensino de Geografia: a produção social do espaço e processos formativos. Livro 2. 1 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.